EDARQ REVISTA DE CULTURA ARQUITECTÓNICA ABRIL, 2013

JOELHO

04

ENSINAR PELO PROJETO
TEACHING THROUGH DESIGN

—

Coordenação:
Paulo Providência
Gonçalo Canto Moniz

Alexandre Alves Costa
Juan Domingo Santos
Florian Beigel
Philip Christou
Elizabeth Hatz
David Leatherbarrow
Andrew Clancy
Colm Moore
Michael McGarry
Willemijn Wilms Floet

Exposição TAPE
2011–12

Maria Dulce Loução

Memórias imaginadas: para um ensino de projecto

Projectar pressupõe um esquecimento criterioso, uma eleição de memórias de espaços que se alinham para criar novas realidades.

Através do desenho, do gesto lento da mão sobre o papel, selecciono que, de tudo, registo. Do processo do real, o que registo, organizo a realidade, inventariando dela, o que mais me interessa enquanto matéria para projecto. Aprendo a ler e a descrever o real, e também a construir o que imaginei. Os registos evocam, então, a experiência do que vivi, ao desenhar. Uma atmosfera de relações visuais e sensoriais que guardo como matéria-prima para projectar.

O desenho é um auxílio no modo como se organiza o pensamento projectual; é, eventualmente, um dos modos mais eficazes de ordenar o projecto. Aqui só basta um papel e um lápis, e o que o pensamento deseja, ganha forma.

Mas será que o que se desenha é definitivamente necessário ao arquitecto? Parece ser, porque o desenho encurta a distância entre a realidade e a sua representação e porque, quando desenho, evoco qualidades presentes no mundo que represento, isolando-as, e com elas construindo uma ordem para projectar o que ainda não existe.

O desenho regista o mundo a partir da nossa experiência, e da nossa experiência isola qualidades e características únicas que, lidas, nos permitem operar sobre a realidade, reinventando-a passo a passo, e conferindo ao mundo visível ou projectado, um sentido.

O desenho, no ensino do projecto, confere uma ordem ao que o olhar vê, ou a imaginação propõe. Nesse sentido, é indiferente falar de desenho de observação ou desenho de concepção, já que ambos ambicionam o conhecimento do problema da representação da arquitectura, do registo das suas qualidades mais subtis ou mais evidentes. Os desenhos para o arquitecto procuram captar as qualidades de espaços habitados.

O que nos garante a compreensão do mundo situa-se na distância entre o mundo e a sua representação, e o desenho para o arquitecto, encurta essa distância. Projecto, desenhando para me aproximar, passo a passo, da compreensão do meu lugar no mundo, da minha função social e ética.

O projecto não é arquitectura mas permite que, operando sobre a distância entre ambos, a tentemos encurtar, cada vez mais, no sentido de simular lugares de vida para as pessoas. Só interessa projectar para destinar um lugar ao homem, no mundo, em humanidade.

Projecto, simulando, passo a passo, as experiências de espaços vividos, e o desenho de projecto é uma aproximação sistemática dessa insuperável distância. Nunca o projecto é arquitectura, e contudo precisamos, por tradição, do desenho para fazer arquitectura. O desenho não conta a realidade mas acrescenta a essa realidade um ponto de vista, uma certa visão que se ordena pelo registo gráfico. Ao ler um desenho vejo mais do que está representado, e é desta visão experienciada que se faz arquitectura.

Nunca o desenho é só a descrição da imagem da coisa. O desenho regista proporções, valores, volumes, texturas e cores, e carrega com ele a evocação de uma experiência espacial que tem som e temperatura, tem luz e sombra, é matéria sensível.

Desenho para resolver o projecto, que é uma sequência de operações de estreitamento entre o problema que está lançado e a sua resolução. De início, as opções de resolução são inúmeras. Depois, a própria sequência do projecto, pelo lançamento da ideia em texto, maquete ou desenho, em representação, em suma, propicía uma estreiteza, uma operação de selecção sistemática que conduz à resposta, a uma única resposta, a solução.

Estreitamento entre o problema que está lançado e a resposta final que é o projecto. A representação tem um valor estruturador. Quando registo, o que se me apresenta registado é algo de diverso, mais ou menos do que queria registar, mas sempre algo que interage comigo permitindo-me, pela observação, novas descobertas. O desenho clarifica o que é definitivamente essencial do real e do imaginado, e estabiliza o pensamento, tornando-o produtivo na resolução do problema de projecto.

O projecto cumpre o desígnio de um lugar, criando através do projecto uma antevisão do que será construído para ser habitado, com coerência e concordância ao lugar e ao programa. O projecto antevê o real construído, antecipando-o. Por aproximações sucessivas, a matéria da arquitectura vai-se ordenando no espaço, conformando-o numa ordem que se procura coerente, desde o primeiro registo do lugar, ao desenho do detalhe mais ínfimo.

O projecto é um todo coerente, por onde persiste a ideia de habitação, de espaço habitável e habitado. A criação de atmosferas.

O arquitecto ordena, através do projecto, memórias de espaços vividos e imaginados, e num certo sentido, a cada projecto que executa, está sempre a elaborar sobre o mesmo sentido de habitar. O projecto é, assim, uma ordenação de memórias que se registam e cuja representação é a reinterpretação do imaginário, dos espaços de bem-estar arquitectónico. São memórias de espaços cujas dimensões e expressão, são a matéria-prima para projecto. Num certo sentido, é sempre o mesmo projecto que o arquitecto elabora, ao longo da sua vida.

Quando imagino, construo uma atmosfera a partir de imagens de natureza arquitectónica.

Ensinar projecto é ensinar a potenciar as imagens que transporto enquanto autor, para a resolução do problema de projecto.

Proporções, texturas, luz e cor, sombra e matéria já vividas e incorporadas na memória em experiências de bem-estar, e registáveis pelos instrumentos da representação, são a matéria-prima do projecto.

Através do registo das memórias transporto para o projecto as qualidades dos espaços que irei quantificar em dimensões, volumes e formas da arquitectura que me proponho vir a construir.

O projecto é, assim, um processo de releitura sistemática onde se procura criar, a partir do que nos tocou dos espaços da memória, novas atmosferas referenciáveis a espaços conhecidos, nem que seja, na nossa imaginação.

De uma fase inicial onde as memórias são difusas e de natureza diversa, só entendíveis pelo próprio, pela introdução do programa, integram-se as memórias numa estrutura já decifrável pelo outro, e que conduz ao projecto de execução, onde tudo ganha coerência, desde o grande gesto inicial, até ao detalhe onde a matéria se ordena para a construtividade da arquitectura.

Entre memórias que servem para fazer projecto de arquitectura e as imagens de que os alunos se socorrem como referências, existe um abismo. Dizia Neal Leach, que o mundo hoje é uma "*cultura de cópia*", e com razão. As imagens são informações visuais, das quais se retiram informações de factos arquitectónicos. Mas não são uma descrição da arquitectura. É da experiência, da habitação dos espaços, que resulta a arquitectura.

Estas imagens não possuem os condimentos da experiência, são sedutoras mas destituídas de conteúdo. São construídas para serem atraentes, e para apresentarem da arquitectura a sua componente visual, em sentido estrito, cenográfica.

As memórias que interessam ao ensino do projecto são de outra natureza. Também visíveis, registam, antes, a experiência dos espaços, isto é, registam para além da aparência: a experiência de uma luz coada de norte, de um lanternim que ressalta a textura de uma parede de tanto por tanto de dimensão e que tem uma cor texturada que muda com o tempo do dia, registam a ordem das coisas, a sua expressão.

É o modo como o som se repercute quando percorro o chão de uma catedral. É o cheiro da madeira numa velha biblioteca. São essas experiências que servem para construir a matéria-prima de projecto. Neste sentido, registar, registar exaustivamente as quantidades do real, para constituir um arquivo de qualidades de espaços. Ver exaustivamente arquitectura, percorrer a cidade, ler, ver cinema, viver, em suma, próximo do tangível e do sensível.

Das qualidades de espaços, do registo dos detalhes em plantas e cortes, em esquemas de alçados, em desenho de pormenores, do desenho da realidade sensível, construo o alimento da criatividade e da imaginação. As imagens que invento remetem-me para as memórias do que já vivi e, ao projectar, recrio, não cópias, mas imagens experimentadas, vivências, como Rasmussen quando fala de arquitectura.

Ensinar a criar memórias, através, também do desenho, do registo de quantidades, a importância do levantamento do espaço que se experimentou, o dar números às memórias, para que, a qualidades de espaço correspondam medidas, quantidades, comprimentos, larguras e alturas, formas e volumes, proporções, em suma, a quantificação da experiência.

Registar as qualidades da experiência em quantidades, em dimensões. Porque é de dimensões de matéria que trata a construção da arquitectura que o aluno deve imaginar quando faz projecto. E é com a memória de espaços vividos também quantificados que o aluno afere, passo a passo, a validade das suas opções.

O desenho de observação do real dá lucidez às memórias sensoriais, fixando-as em registo de proporções e quantidades que o aluno evoca quando dimensiona a sua futura arquitectura através do projecto.

De que modo a realidade se intriga sobre a dimensão da realidade?

A realidade é, para o ensino do projecto, o início de tudo, mas dessa realidade o arquitecto selecciona partes, num " esquecimento criterioso" de alguns valores que constituem a nossa própria visão da realidade, um ponto de vista pessoal e uma tomada de posição sobre

as qualidades que a realidade contém, potenciadas no exercício de projecto. Através do desenho registamos as qualidades mensuráveis do real, transformamos as nossas impressões em qualidades registáveis, e sobre elas, com um propósito, repropomos uma nova ordem ao mundo, a que chamamos arquitectura.

O real é uma impossibilidade. O que nos é dado observar é a nossa realidade, que é um ponto de vista sobre o mundo que se nos apresenta sob a forma de matéria. Nesse sentido, só uma visão científica da realidade seria eventualmente generalizável e, portanto, tendencialmente universal. Mas o arquitecto não partilha dessa visão empírica, nem opera desse modo sobre a realidade. Para fazer projecto, isola da realidade o que é mensurável, pois a arquitectura é cultura material, mas do que é quantificável acrescenta os olhos da alma.

Da realidade, o aluno, e por maioria de razão, o arquitecto consegue isolar qualidades quantificáveis em dimensões, proporções, formas, volumes, cheios e vazios, materialidades, luzes e sombras, em suma, consegue decompor do todo, algumas partes, com as quais opera, com um programa, para recriar uma nova realidade, registável também pelos instrumentos do projecto.

Estas características são quantificáveis e registáveis. Mas todos os registos são, ou mais, ou menos, que a própria realidade; são simulações, e por vezes simulacros da realidade. E a arquitectura que do projecto surgirá, será sempre mais que qualquer representação, pois é a morada do Homem, a sua própria identidade.

Diz Bachelard que o espaço retém o tempo, comprimindo-o. A memória não regista a dimensão concreta do tempo. É no espaço que reside a memória. É através da espacialização das memórias que o homem inventa a sua identidade no mundo. O homem procura, através da arquitectura, recriar a ordem de Deus, e assim, num certo sentido, cumprir a sua própria humanidade.

A dimensão social da arquitectura é esta construção identitária que a arquitectura cenógrafa, e o arquitecto é um fazedor de identidades.

Quando observo o mundo, observo-o com o olhar da experiência, e só por isso, eu vejo o mundo como ele é.

Referências Bibliográficas

Bachelard, G. (1989). *A Poética do Espaço.* São Paulo: Martins Fontes [1993].

—

Bergson, H. (1990). *Matéria e Memória.* São Paulo: Martins Fontes.

Leach, N. (2005). *A Anestética da Arquitectura.* Lisboa: Antigona.

—

Pallasmaa, J. (1996). *The eyes of the skin: Architecture and the Senses.* Londres: Academy Editions.